

A imagem do Japão : a visão portuguesa desde o século XVI até ao início da Era de Showa

Jorge DIAS

No século XVI Portugal foi o introdutor da cultura do Ocidente no Japão. Foi Portugal que na Era dos Descobrimentos encontrou os caminhos e as bases do encontro entre as culturas do Ocidente e do Oriente.

É controversa a data da chegada dos portugueses ao Japão. As principais fontes históricas indicam os anos de 1542 ou 1543. E também incerto o nome dos portugueses que primeiro chegaram a Tanegashima. Alguns indicam o nome de António da Mota. Na *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto afirma que foi o primeiro. Os historiadores George Schurhammer e Charles Boxer negam-lhe a prioridade, mas reconhecem que deve ter estado no Japão em 1544. Uma fonte japonesa, *Teppo-Ki*, menciona o dia 23 de Setembro de 1543 e indica como praia de desembarque a praia de Nishimura Ko-ura, onde está hoje uma lápide em memória dos portugueses. Os escritores japoneses são quase unânimes em aceitar a data de 1543.

O primeiro relato extenso é de Jorge Álvares, que esteve no Japão em 1544 em companhia de Pinto. Álvares escreveu o seu relato em Dezembro de 1547. É este o primeiro relato directo de um ocidental sobre a terra e o povo japonês.

Álvares esteve na ilha de Kyushu. Louva o encanto da paisagem japonesa, menciona os terremotos e tufões que assolavam a ilha, nota o verde do arvoredo, a abundância de frutas e de flores. Descreve os costumes japoneses: notou o banho diário e os penteados. Relatou os costumes dos samurais e a sua psicologia: refere o imenso orgulho, o culto da honra, o uso de espadas e de arcos e flechas. Enalteceu a sua cortesia, a sua generosidade, a sua curiosidade intelectual. Descreveu a culinária japonesa. Viu o uso diário de arroz e hortaliças, descreveu o *tofu* e o escasso consumo de carne. Viu que os japoneses se sentavam no chão e usavam pauzinhos. Viu a influência do Budismo e descreveu os bonzos. Cantou a beleza das mulheres. Insistiu no rigor da etiqueta e da cortesia entre os japoneses. A sua impressão dos japoneses, muito favorável, foi partilhada pela maior parte dos outros portugueses: era um povo belicoso, com o culto da honra. O mesmo afirmou S. Francisco Xavier, em Kagoshima, em 1549: os japoneses eram um povo pobre, orgulhoso e cortês, com grande inteligência e cultura. Esta opinião era geral em Portugal. Havia semelhanças entre a ética dos nobres portugueses e a dos samurais: segundo o seu código de procedimento, a honra era mais importante que a vida. Havia traços comuns aos dois povos.

Entre 1542 e 1556 Fernão Mendes Pinto, precursor do exotismo do século XIX, realizou quatro viagens ao Japão. Descreveu também o país e a cultura japonesa. Salientou o espírito militar, a cortesia e o culto da honra. Apresentou uma visão esplendorosa de Kyoto: “chegado enfim a esta insigne cidade Miocò metrópole de toda aquela monarquia da nação japoia.” Na

Peregrinação, uma grandiosa odisséia, descreve-se, num famoso capítulo, a chegada do autor a Tanegashima. Os portugueses pescavam e caçavam, visitavam os templos, bem recebidos pelos bonzos. Um dos portugueses, Diogo Zeimoto, fez fogo com uma espingarda, ao caçar patos nos paúis. Os japoneses ficaram maravilhados: nunca tinham visto espingardas. O caçador ofereceu uma ao daimio local. Este pediu-lhe que lhe ensinasse a fazer pólvora e a usar a espingarda. Quando os portugueses voltaram, mais tarde, os japoneses já tinham feito muitas. Em 1556 já havia milhares no Japão.

Os missionários revelaram grande interesse pela língua e pela cultura do Japão.

João Rodrigues (1561 - 1634) escreveu uma primeira gramática nipónica e trabalhou no *Dicionário da Língua Japonesa*. A sua *História da Igreja no Japão* manifesta a sua convicção da necessidade de conhecer a geografia, os costumes e a cultura do país. Rodrigues descreveu a pintura japonesa, a laca, os leques, a mentalidade e a psicologia dos japoneses. Notou o uso do *sake*. Apresentou uma longa exposição sobre a cerimónia do chá e a filosofia que a inspira. Descreveu Kyoto: notou os banquetes, a cortesia, a beleza dos arredores da cidade, com os seus jardins e arvoredos. Notou a elegância da língua, o culto da poesia, os grandes templos e palácios, os banhos públicos. As descrições de Kyoto, Nara e Azuchi estão impregnadas de côr, vida e exotismo. A *História da Igreja no Japão* é um importante documento sociológico. Revela largueza de compreensão humana.

Luís Fróis (1532 - 1597). Na sua *História do Japão* estudou o xintoísmo e o budismo. Descreveu um seu encontro com Nobunaga. Este era um homem de mediana estatura, magro, “sagacíssimo em ardis de guerra.” As suas paixões eram a cerimónia do chá, os cavalos, as armas, a caça. Fróis encontrou Nobunaga em Abril de 1569, em Kyoto.

Em 1585, Fróis escreveu um *Tratado* sobre as contradições e diferenças entre a cultura europeia e a japonesa. Traça Fróis os contrastes entre as duas áreas, em todos os seus aspectos: pelo que toca aos homens e seus trajes, às mulheres e crianças, bem como respectivos costumes; à religião na sua essência hierárquica institucional; quanto às armas e à guerra: sobre as raças cavалares e a medicina; quanto a livros, tipos de papel, tinta e cartas; embarcações e divertimentos. Fróis refere a beleza das casas japonesas, dos jardins, da pintura e arquitectura. Descreve o castelo de Azuchiyama que Nobunaga acabara de construir. Descreve os biombos e dança, incluindo o *bon-odori*. Menciona o uso de peixe cru, e o *seppuku*. O *Tratado* é um imenso quadro das condições políticas, culturais e religiosas do Japão, um estudo de antropologia cultural da época de Momoyama.

Outro português, Luís de Almeida (525 - 1584), introduziu a medicina ocidental no Japão. Estabeleceu-se em Oita.

A influência portuguesa no Japão, segundo Charles Boxer, foi mais extensa do que se julga. O comércio marítimo da Ásia esteve durante quase um século nas mãos dos portugueses. Macau era a base do comércio com o Japão. Este país importava sedas, pólvora e porcelana, trazidas pelos

portugueses da China, bem como especiarias da Índia e do Sudeste asiático. As ciências trazidas pelos portugueses que tiveram mais repercussão no Japão foram a medicina, a astronomia, as ciências náuticas e a construção naval. Quanto à ciência militar: os êxitos militares de Nobunaga e Hideyoshi não seriam possíveis sem as armas de fogo, que foram um dos elementos que facilitaram a unificação do país. Quanto às artes: na pintura, o mais importante espólio de influência ocidental é representado pelos biombos namban. O tema favorito representa a chegada dos portugueses ao Japão: o *namban gyoretsu*. Vêem-se fidalgos, escravos negros, animais, a nau negra (*kurofune*) fundeada no mar azul-escuro, com grandes velas brancas, as bandeiras, os marinheiros, com um fundo dourado, onde sobressai o verde dos pinhais. Nas artes decorativas e nos castelos também se nota a influência portuguesa. E o urbanismo de Nagasaki, cidade construída numa encosta de montanha, revela também a mesma influência. No vocabulário japonês foram então introduzidas muitas palavras de influência portuguesa. E poder-se-ia ainda mencionar a tipografia de origem ocidental, cuja introdução levou à publicação de algumas obras básicas sobre a cultura japonesa, como a *Arte da Língua de Japão*, de João Rodrigues.

Nos séculos XVI e XVII Portugal exerceu uma imensa influência sobre o Japão. O contacto com a cultura europeia, através dos portugueses, marcou para sempre a cultura japonesa. A língua portuguesa foi o primeiro meio de comunicação entre o Japão e o Ocidente: o português, no século XVI, era a *língua franca* da Ásia.

A política de encerramento do Japão, decretada pelos Tokugawa, interrompeu durante séculos as relações entre Portugal e o Japão. A esquadra do Comodoro Perry só fez abandonar essa política a partir de 1853. Mas Portugal já não era então a base de um império mundial como no século XVI. Perdera o Brasil em 1822 e era então um país pequeno e pobre, apesar das suas colónias na África.

Portugal foi um dos últimos países europeus a restabelecer relações com o Japão, mediante um Tratado de Paz, Amizade e Comércio, assinado em 1860. Foram abertos ao comércio português os portos de Hakodate, Kanagawa e Nagasaki. Mais tarde foram abertos os portos de Niigata e Hyogo. Os cidadãos portugueses podiam viajar e residir no Japão, mas Kyoto era proibida. As relações comerciais entre Portugal e o Japão eram de pouca importância. Em 1859 viviam quatro portugueses em Yokohama e outros tantos em Nagasaki. No ano de 1868 apenas um barco português veio ao Japão. Em 1870 visitou o Japão a canhoneira *Sá da Bandeira*. Em 1880 foram lá as canhoneiras *Mandovi*, *Rio Lima* e *Tejo*. Viviam no Japão 50 a 60 portugueses, metade dos quais em Yokohama, onde tinham um clube e publicavam um jornal em português, *Argus*. Em 1887 foi assinado outro tratado comercial.

No final do século XIX, um escritor notável, Venceslau de Moraes, (1854 - 1929), dedicou a sua vida e a sua obra ao Japão. A sua vida é o exemplo mais extraordinário dum ocidental que viveu no seio duma civilização do Oriente, realizando na sua vida a síntese mais harmoniosa de valores europeus e orientais.

Morais era oficial de Marinha. Em 1889 entrou no porto de Nagasaki. Manifestou logo o seu deslumbramento perante a paisagem nipónica. Em 1893 foi encarregado de adquirir artilharia para Macau, em cujo porto prestava serviço. Em 1897, integrado na comitiva do governador de Macau, visitou Kyoto, onde foi recebido pelo imperador Meiji. Em 1898 foi encarregado da gerência interina do consulado português de Kobe e Osaka. Em 1899 foi nomeado cônsul de Kobe. Naquela cidade viveu os tempos mais felizes da sua vida. Em 1913, pediu a demissão do seu cargo e partiu para Tokushima, Shikoku, onde residiu até à sua morte, em 1929.

O Japão despertou a vocação literária de Moraes. Os seus livros da fase de iniciação no Oriente transbordam de entusiasmo, de colorido e luminoso encanto.

A fascinação do Japão manifestou-se logo na primeira obra importante de Moraes, *Traços do Extremo Oriente* (1895). No capítulo intitulado “Saudades do Japão” Moraes celebra o seu amor por Nagasaki e o seu desencanto perante o cosmopolitismo de Yokohama. Louva o encanto das *musumés*, as cores do quimonos e dos *obis*. Observava o povo japonês nas suas deambulações pelas ruas. Evoca os *jin-rick-shás*, os vendedores ambulantes, os bonzos. Nas lojas admirava as sedas finíssimas, de cores brilhantes, os bronzes e as porcelanas. Entusiasmava-se com a arte japonesa, segundo ele uma arte admirável, paciente e minuciosa. Encantava-se com a beleza das estampas e dos livros nipónicos. Notou o culto da Natureza dos japoneses. Escreveu páginas ardentes de entusiasmo perante a arte nipónica. Lia então um livro de Edmond de Goncourt, *Outamaro*. De noite percorria o Yoshiwara, recordando o que fora na época de Yedo. Escreveu: “O que Utamaro deixou, os seus estudos do feminino, nas múltiplas ocupações caseiras, do jardim, da rua, do campo, são verdadeiras maravilhas de arte para todos.” E evocava o mundo das cortesãs de Yoshiwara. . .

A case japonesa encantava Moraes. Notou os *tatami*, e as construções de madeira e papel. Nas *chayas* gostava de ouvir música de *samisen*, comendo *sushi*, falando com as criadinhas. Moraes era um homem extremamente sensual, grande admirador da beleza feminina, em particular da mulher japonesa. Por isso celebrava a crónica galante de Yoshiwara, nas suas deambulações nocturnas, recordando que o bairro inspirara poetas e artistas.

Mas Moraes percorria também os campos e os centros artísticos. Descreveu Kamakura e Enoshima, o vale de Hakone e as paisagens agrestes, os abismos e os templos da sagrada montanha de Nikko: “aqui tendes Nikko, a sua terra sagrada, os seus templos rendilhados, os seus túmulos venerandos, o seu fundo de arvoredos gigante, as suas colinas, as suas vertentes, as suas ribeiras, as suas cascatas, a sua ponte de charão vermelho.” Descreveu os carregadores com os *kagós* (as liteiras indígenas), onde se recostavam as *musumés*, e os numerosos peregrinos, com a esteira às costas. Moraes comoveu-se perante a majestade dos túmulos de Ieyazu e de Iemitsu. Lamentou a influência estrangeira que estava abastardando o Japão tradicional. Comungou na “imponen-tíssima harmonia daquele santo Nikko”: “Ao meu ouvido tornava-se pela primeira vez distinta e grata a toada eterna que aqui vai acalentando os manes dos grandes mortos, dia e noite, cons-

tituida pelo murmurar das ramarias, pelo pranto das vertentes, pelo sussurro das levas, pelo zumbido das cigarras, a que se mistura de quando em quando o trovão retumbante dos enormes sinos de bronze, chamando os bonzos às suas práticas místicas.”

Morais fez uma viagem de comboio de Yokohama a Osaka. Descreveu a paisagem: campos verdes, belas hortas e arrozais, os pinhais, os bambuais, o perfil do Fuji-San recortando-se no horizonte. Notou a limpeza das aldeias, que contrastou com as da China. Observou os *bentos*, comidos nas paragens. Assinalou o amor pelas crianças. Celebrou Osaka. Vivia na área de Nakanoshima. Descreveu o castelo, o casario, os templos. Tal como Lafcadio Hearn, Morais gostava de Osaka. Partiu para Kyoto. A viagem de comboio levava duas horas. Em Kyoto viu centenas de templos, a toda a pressa, levado num *jinnricksha*. Viu o Daibutsu em Nara e foi a Sakai. Gostava de percorrer Osaka à noite, no verão, observando os restaurantes, as multidões, entre milhares de lumes. Sentia-se encantado: “Feliz Nippon, como a tua existência desliza fácil, como uma aurora côr-de-rosa, no negrume triste do século! . . .” Celebrou o Japão da Era de Yedo: “Tinhas então o fervor das grandes crenças, a adoração dos grandes vultos, tinhas a benevolência patriarcal dos teus grandes senhores.” Morais idealizava o passado, desdenhava a modernização, louvava o culto do passado e da tradição nipónica. O mesmo fizera Hearn . . . Mas a beleza das montanhas e das ilhas verdes, do Mar Interior, o pitoresco de Nagasaki, a majestade da prodigiosa Nikko, os prazeres de Yoshiwara, as histórias do folclore japonês, a arte de Utamaro enlevavam-no, em arrebatos, de paixão. Para Morais o Japão era o país das decorações fantásticas, o país das flores, o país das mulheres bonitas, o país dos amores fáceis.

É contudo em *Dai-Nippon* (1897) que surge um dos grandes prosadores da língua portuguesa, no maior livro de viagens publicado em Portugal desde a época dos Descobrimentos.

Numa prosa musical Morais apresenta uma síntese da História do Japão, expressa o seu culto da tradição nipónica. manifesta a sua admiração pelos homens que unificaram o Japão: Nobunaga, Hideyoshi e Ieyasu. Aprova o encerramento do Japão e a repressão do Cristianismo, porque conservaram a independência e a cultura do país. Depois consagra alguns capítulos à arte e à vida japonesa. Morais admirava quase tudo na arte nipónica: os *kakemono*, os *kakimono*, as obras de Utamaro e Hokusai, a cerâmica, a olaria, as lacas, o *cloisonné*, os *netsuke*, as estátuas colossais de Nara e Kamakura, as armas, a arquitectura. Mas pouco diz sobre o teatro tradicional. Escreveu páginas vibrantes de entusiasmo sobre os mestres do *ukiyo-e*. Apreciava ainda a cerâmica de Imari e de Kutani e as faianças de Satsuma. Referiu-se à arquitectura religiosa, ao culto dos mortos, às casas e aos jardins. Lamentou a decadência da maravilhosa originalidade artística do povo japonês, sob o influxo do utilitarismo europeu: o Japão exportava então para a Europa e para os Estados Unidos muitos objectos de pouco valor artístico, para satisfazer o gosto inculto dos estrangeiros. Lamentou ainda um aspecto da psicologia japonesa: a superficialidade de espírito que levava os japoneses a copiar as novidades ocidentais. Este é também um tema de Hearn: ambos os escritores desdenhavam a rápida ocidentalização do Japão.

Compreende-se assim o entusiasmo de Morais pelos templos de Kyoto, o seu louvor à ponte divina de Nikko, o seu interesse pelos antigos jardins, as suas descrições dos antigos castelos. Viu que quase nada restava da influência portuguesa: “Acabou a nossa influência no Império do Sol Nascente. Apresentara-se ele como um país maravilhoso aos olhos dos nossos arevidos navegantes, maltratados por todos os rigores das terras sáfaras, das terras pestíferas, das terras bárbaras. por onde iam mourejando duramente; as narrativas entusiásticas de Fernão Mendes Pinto e de outros traduzem esse encanto que emana do delicioso arquipélago, ainda hoje sobressaltando o viajante; encanto que então daria à paisagem tons ameníssimos de cantinho do paraíso, legado milagrosamente aos filhos de Eva.”

Morais comentou a seguir a vida japonesa. Considerava a mulher japonesa a mais gentil do mundo inteiro. Via-as nos jardins: “E a *musumé* no jardim, enlevada em florescências exóticas, sorrindo às borboletas que voejam, na contemplação amorosa das águas tranquilas, atirando com bolos aos peixes vermelhos dos lagos.” Descreveu de novo os banhos públicos, evocou as suas experiências de Yokohama e de Osaka. Passeava pela Dotombori. Ia aos teatros, via os milhares de luzes nas noites de verão, o espectáculo solene das multidões, o gosto pela bebida dos japoneses, os *rickschás* passando, os vendedores ambulantes, apre goando. Comia *udon*, bebia cerveja *Kirin*, que o deliciava. Pensava que a vida japonesa era intensamente passada na rua. Em Tóquio, preferia a área de Asakusa. Morais viu algumas sombras no quadro alegre que descrevia: havia *etas* e nos portos abertos ao estrangeiro - em Nagasaki, Yokohama e Kobe - havia muitos mestiços.

As paisagens do Japão extasiavam Morais. Evoca o puro azul dos horizontes, as montanhas vestidas de cedros, o zumbido das cigarras, a luz do luar em cintilações de prata sobre as águas. Descreveu as montanhas: “As florestas multiplicam-se, ricas em seivas, pelas serras arriba; são lindos bambuais, são pinheirais, são criptomérias.” Morais via o mundo rural japonês com olhos de poeta. Exclamou: “Feiticeiro torrão este, onde não se sofre e não se chora!... Como eu quisera viver aqui, no enlevo perene da cena, na paz duma casinha de papel! Como eu quisera morrer aqui, volver à terra sem o cortejo agoirento das casacas, ignorado, jazendo para sempre à sombra dum bambual, onde as cigarras iriam cantando hinos eternos!...” E Morais vagueava de *yadoya* em *yadoya*, de *chaya* em *chaya*, pelas margens dos lagos: conhecia as áreas dos lagos de Hakone e de Nikko, passeava pelos arredores do lago de Biwa.

Os livros seguintes de Morais constituíram uma orquestração mais calma das suas primeiras impressões extáticas. Em *O Culto do Chá* (1905), descreveu a preparação do chá em Uji e recordou a origem do *chanoyu*. Nas *Cartas do Japão* celebrou Togo, Ito e Nogi e a missão do povo japonês, na Ásia. Em *Paisagens da China e do Japão* evocou Kinosaki, Matsushima e Amanohashidate. Foi de novo a Kyoto: descreveu Momoyama, Arashiyama, Maruyama, Yoshino. Descreveu o florescimento das ameixieiras e dos pessegueiros. Enlevado, recordou as cerejeiras floridas de Gion, alvejando nas noites de luar. Observava a fauna e a flora do Japão: os crisântemos,

as camélias, os corvos, as borboleta negras, os pirilampos, o estrondo das cigarras e dos grilos nas noites de verão, as diversas espécies de ra, o grou, a tartaruga. . . De novo se entusiasmou: “Oh, a paisagem japonesa! Como ela é encantadora e fresca, estranha, paradisíaca! e como aqui o pensamento se dilata, num longo divagar sereno e amoroso, tao distinto das preocupações sombrias que além, na Europa, azedam a existência!: Morais apreciava o verão japonês, apesar do calor sufocante. Era nessa estação que o Japão atingia a sua maior beleza. A terra era verdejante, o *asago* florescia, nas águas flutuava o lótus. Era o tempo das peregrinações. Mas apreciava o *momiji* no outono e as paisagens nevadas no inverno. Insistia na sua fascinação pelo Japão: “Não há terra que eu conheça – e tantas tenho conhecido! – mais deslumbrante do que esta nos aspectos; não há povo mais interessante do que este, pelo feitio moral, pelos costumes, pela alma artística; não há mulheres mais mimosas do que estas *musumés*; e não há no mundo inteiro gente mais feliz do que esta japonesa; é dizer tudo.” Morais apreciava ainda o folclore japonês. Contou as histórias de Ninguyo, de Issumboshi, de Urashima e outras.

Nos últimos anos Morais vivia na sua casa de Tokushima, como um japonês. Tinha em casa o retrato de Meiji, uma imagem de Amateratsu, desenhos de Hokusai e imagens de Buda. Só usava comida japonesa. Mas nunca conseguiu dominar a língua japonesa, embora a considerasse melodiosa e expressiva.

Num diário íntimo, *O Bon Odori em Tokushima* (1916), Morais evocou o calor do verão de 1915, os mosquitos, os templos e os peregrinos de Shikoku, a alegria delirante do Awa-Odori. Estava dominado pela obsessão da morte. Visitava os túmulos das duas mulheres que amara, recordadas no seu último livro importante, *O-Yoné e Ko-Haru*. (1923). Neste livro louvou Buda e Kwannon, celebrou o culto dos mortos. O Japão tornara-se o altar da sua religião da Saudade. Noutros livros, *Relance da História do Japão* (1924) e *Relance da Alma Japonesa* (1925) apresentou sumários da arte, costumes e paisagens do Japão e resumiu as crenças do budismo e xintoísmo. Em *Serões no Japão* (1926) descreveu Arima, Takao, o Kiyomizu-dera e Minô. exprimiu a sua admiração por Yuko Hatakeyama, que se suicidara em 1881. Visitara o seu túmulo, no templo de Makkei-ji, em Kyoto.

Nos seus últimos anos Morais declarou a sua simpatia pelo povo comum do Japão e manifestou conhecimento dos problemas sociais da época de Taisho. Amava os animais. Na sua casa de Tokushima colecionava insectos, peixes, gatos, cágados e pássaros (*uguisu* e *mejiro*) Amava a natureza e as maravilhas da criação. Descreveu a beleza das rochas. Colecionava conchas marinhas e moedas.

Nos seus primeiros anos de vida no Japão morais celebrou os encantos do Japão exótico, as maravilhas pitorescas e coloridas do país. A sua visão era superficial. Nos seus últimos anos a sua visão tornou-se mais profunda: interessava-se pela essência da vida oriental e pelos tipos humanos populares como os vendedores ambulantes de *udon* e os *amma-san*. Lia, em tradução francesa e inglesa, os clássicos da literatura japonesa e estudava as religiões do país. Meditava

sobre a obra de Bashō, cujos poemas procurava traduzir. Numa carta datada de 1921, Morais escreveu: “O escritor, quando escreve para alimento do seu espírito e dos raros que o possam compreender tem de pôr a sua alma inteira no que escreve, vibrar todo inteiro quando escreve e fazer vibrar o coração de todos que nos lerem.” Em 1922, noutra carta, comentou a obra de Lafcadio Hearn: “Para se compreender um pouco Lafcadio, é absolutamente preciso ter-se tido uma vida como eu tenho tido, isto é, perto de 30 anos no Japão, intrometendo-me quanto possível na vida do povo, vivendo com ele, aquecendo-me a mil e mil ilusões, sofrendo muito afinal, *morrendo pelo Japão.*”

Apesar das suas limitações, Venceslau de Morais é uma das mais originais figuras da história literária portuguesa. Foi um continuador de Fernão Mendes Pinto, cuja *Peregrinação* lia nas noites de Tokushima, solitárias e longas, ora tórridas ora frigidíssimas. Foi o último grande aventureiro lusíada, nas palavras de um anterior embaixador de Portugal, Armando Martins Janeira. Foi, em suma, o último grande representante da tradição de exotismo da cultura portuguesa, dominada pela eclosão da literatura de viagens a países longínquos.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- Janeira, Armando Martins, *O Impacte Português sobre a Civilização Japonesa* (Lisboa, 1970).
Ibid., (org.) *Wenceslau de Moraes*. Selecção de textos e Introdução de Armando Martins Janeira. (Lisboa, 1971).
Ibid., *O Jardim do Encanto Perdido* (Porto, 1954). Trad. jap.: *Yoake no Shirabe*. (Tóquio, 1969).
Ibid., *Figuras de Silêncio - A Tradição Cultural Portuguesa no Japão de Hoje*. (Lisboa, 1981).
Okamoto, Yoshimoto, *The Namban Art of Japan* (Nova York, 1972).
Pinto, Fernão Mendes, *Peregrinação* (Lisboa, 1983).
Sansom, G. B. *The Western World and Japan* (Tokyo, Tuttle, 1977).